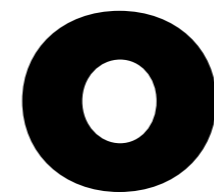


Mapeando a Nicarágua

O olhar de James Patterson revela-nos uma interpretação única da topografia da América Central, focando-se nos episódios vividos em torno do imenso Lago Cocibolca, na Nicarágua.

  J.R. Patterson



lhem durante algum tempo para qualquer mapa e uma espécie de transmissão freudiana pode ocorrer entre os países que ali vemos e o viajante. A América Central, por exemplo.

Após seis semanas a dobrar e desdobrar o meu mapa, começo a ver na estreita e curva faixa de terra um membro inferior cansado e definhado. A Guatemala é a coxa, as Honduras a carne no fémur de El Salvador e a Costa Rica a ossuda canela. No fim, reduzido a quase nada, o magro pé do istmo panamiano consegue por pouco colocar um dedo na Colômbia.

Esta imagem alucinogénia surgiu-me durante uma paragem nas quentes e poeirentas terras altas da Nicarágua. Não é segredo que viajar pode tornar-se num ciclo de monotonia. Longos dias de moto através da América Central começaram a ter um hipnótico efeito de quebra. Cada uma das pequenas povoações que pontuam a paisagem começa a fundir-se suavemente com a próxima, pelo que, ao entrar em mais uma coleção de atarracadas casas de cimento, é fácil pensar-se “já aqui estive antes.” Sinto que já comi suficiente guisado de cabeça de porco, que já suei ao longo de demasiado deserto, acenei a peões que chegasse...

Conduzindo alheado, as minhas memórias tinham começado a resvalar. Era um caso de depressão de viajante, a pior de todas as doenças de viagem: sob a sua neblina sintomática tudo começa a fundir-se num único momento pouco definido, e distinguir um acontecimento do outro torna-se quase impossível. Era o que me estava já a acontecer: tinha estado nas Honduras na semana anterior, mas, do que é que me lembrava? Havia aquele bar... não, espera, isso foi na Guatemala. E aquela estradinha com as bananeiras - talvez tenha sido em El Salvador? Precisava de uma mudança de cenário para me devolver o foco, para me plantar no presente.

A Nicarágua veio em meu auxílio, um país abençoado com uma variedade topográfica que escasseia nos seus vizinhos. Aqui, a estrada Pan-Americana é espremida num tendão de território ao longo do Pacífico, com a terra cortada em dois pelo imenso Lago Cocibolca. Na definhada perna do meu mapa, decidi que esta era a suave zona por trás do joelho, onde um golpe bem dirigido derruba uma pessoa desprevenida.

O golpe, quando chegou, foi como uma rajada poderosa. Os ventos de leste que sopravam do Lago Cocibolca (também conhecido como Lago Nicarágua) eram suficientemente fortes para me forçarem a corrigir a minha condução desleixada. Uma brisa suave levantou uma ponta do manto húmido que caía sobre mim e, atraído por ela, virei num sinal que marcava a margem do lago.

O Cocibolca é um dos lagos épicos das Américas. A sul dos Grandes Lagos, não há quase nada como ele. Tem o dobro do tamanho do Grande Lago Salgado do Utah e cobre uma área equivalente à do Lago Titicaca, na Bolívia, o único da América do

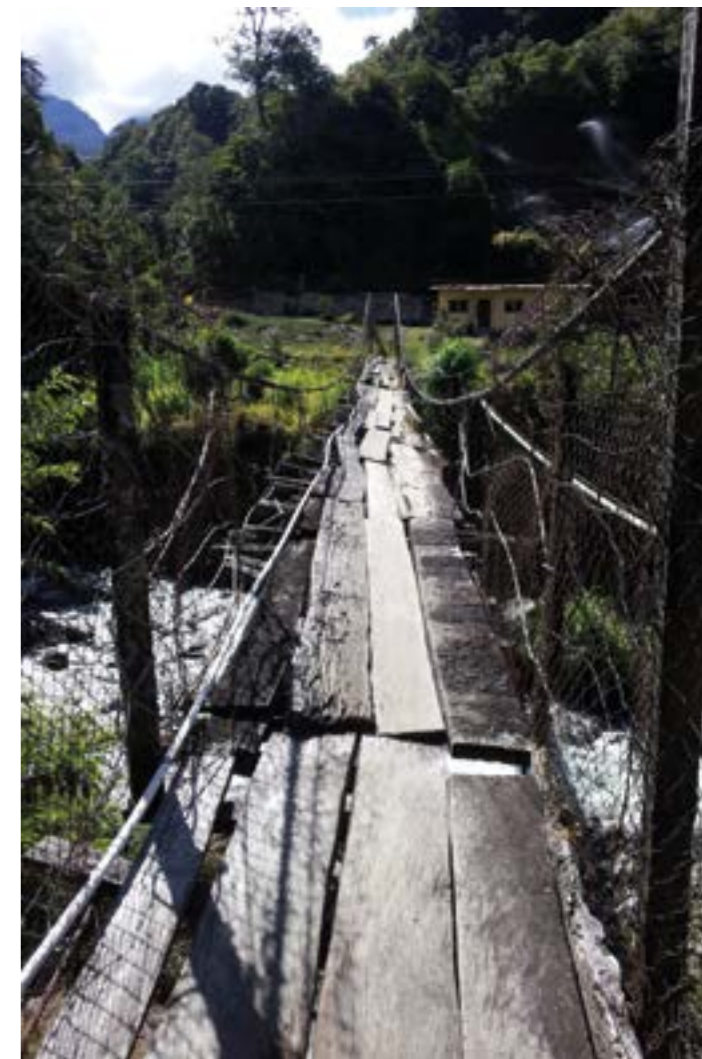
Sul com uma dimensão significativa. Na América central não existe nada comparável – em relação a ele, o famoso Lago Atitlan na Guatemala é infimo. Apesar de já não despertar a atenção internacional, a dimensão do Cocibolca e o seu acesso às Caraíbas tornaram-no, outrora, um destino comum para piratas e bucaneiros, que faziam incursões frequentes subindo o rio San Juan para saquearem o ouro das cidades coloniais espanholas. A cidade de Granada, nas margens do lago, que foi a primeira cidade ‘europeia’ neste continente e a principal cidade portuária da América Central durante a era colonial, era um lugar particularmente ‘quente’ durante este período. Sobreviveu a incontáveis assaltos, apenas para ser escolhida pelo americano aspirante a déspota William Walker, como ponto fulcral da sua tentativa de tomada do poder na Nicarágua em 1856. Após ter anteriormente conduzido revoltas falhadas na Califórnia e no México, Walker conseguiu agarrar-se ao poder como presidente da Nicarágua durante quase um ano, liderando a sua república das bananas a partir de Granada. Quando foi finalmente desalojado por uma aliança de exércitos centro-americanos, incendiou a cidade ao fugir. Os nicaraguenses só conseguiram a sua justiça quando Walker foi extraditado dos Estados Unidos para as Honduras e executado quatro anos mais tarde.

Precisava de uma mudança de cenário para me devolver o foco, para me plantar no presente. A Nicarágua veio em meu auxílio, um país abençoado com uma diversidade geográfica que escasseia nos seus vizinhos

Entre dois oceanos

Enquanto rodava ao longo das margens do lago, sentindo-me refrescado sob um brilhante céu azul, os dois picos vulcânicos da Ilha Ometepe ergueram-se lentamente na linha do horizonte, como a cabeça de um crocodilo a emergir. Dos dois vulcões, apenas o Maderas está extinto e é seguro – o Concepción entrou em erupção pela última vez em 2010. O pirata Edward Hume, passando por aqui após ter levado para Granada (naturalmente) o seu mais recente saque, proclamou a vista do Concepción, o mais alto dos dois picos, como mais grandiosa que todas as riquezas que tinha acabado de pilhar.

Perto de Rivas, o ferry para Ometepe estava ancorado na margem do lago. Decidi juntar-me aos passageiros que embarcavam e explorar a ilha. Enquanto me passavam o bilhete, admirei a coleção de grandes mandíbulas de tubarão montadas na parede do terminal. Assumi que eram troféus de alguma expedição de pesca no mar alto, mas não, o chefe da estação assegurou-me que tinham sido apanhados no lago, ali perto. Pressentindo a minha incredulidade, tirou da gaveta da secretária uma foto onde se



▶
viam quatro homens ombro com ombro, exibindo um largo sorriso. Nos seus braços estava um tubarão-touro, a sua pele cor de chumbo brilhante de sangue. Eurialinos (capazes de viverem tanto em água doce como salgada), estes tubarões fazem a viagem desde o Cocibolca para o Oceano Atlântico saltando os rápidos do rio San Juan como os salmões.

Uma vez ao lago, o ferry carregava com força sobre a ondulação chicoteada pelo vento. Agarrado à amurada, agradeci pelas cintas que se encontravam no convés, com as quais preendi a minha moto. As águas estavam desertas, com exceção do ferry que fazia o caminho inverso da ilha para o continente. Houve uma época em que esta tranquilidade era algo inexistente nestas águas. Durante o século XIX, o Cocibolca estava no centro de uma das principais rotas de transporte ligando os oceanos Atlântico e Pacífico. Antes das estradas ou caminhos de ferro transcontinentais tornarem possível a travessia da América do Norte por via terrestre, os navios seguiam para sul, rumo à estreita faixa de terra desta parte da América Latina, para fazerem a viagem desde leste para a costa oeste. Devido à sua grande dimensão e facilidade de acesso, o Lago Cocibolca era uma zona perfeita para ligar os dois oceanos. Seguindo o exemplo dos piratas, tal como o dos tubarões-touro, os navios que vinham do Atlântico

e das Caraíbas subiam o San Juan e cruzavam o lago até aos portos na sua margem ocidental. Dali, passageiros e mercadorias eram transportados em carruagens até aos navios que os esperavam no Pacífico. Apesar da corrida ao ouro na Califórnia ter assegurado um fluxo constante de clientes, o interesse pelas longas e húmidas jornadas através dos trópicos esmoreceu assim que foi martelado o último prego na via férrea transcontinental. Os projetos para construir um canal e devolver à Nicarágua o estatuto de gigante da indústria dos transportes prosseguiram no início do século XX, mas foram postos de lado quando o Panamá foi escolhido como local para o canal interoceânico. Apesar de propostas para um Canal da Nicarágua ainda emergirem ocasionalmente, um investimento estrangeiro hesitante e interesses nacionais ambivalentes fizeram com que qualquer ação concreta abrandasse, acabando por parar há já mais de duas décadas

Problemas no paraíso

O povo de Ometepe parece pouco preocupado por ter escorregado para fora de um uso global. É um paraíso para o visitante. Sob o refúgio de grandes palmeiras, os mais velhos descansam em cadeiras de vime, a salvo do malévolo sol do meio-dia. Plantações de banana e café misturam-se com ecoturismo e bares de praia servindo cerveja fresca. ▶



Tirei algum tempo para visitar as praias, onde arbustos com flores cor-de-rosa pontuavam as dunas de areia e garças de longos pescoços pescavam nas pequenas ondas.

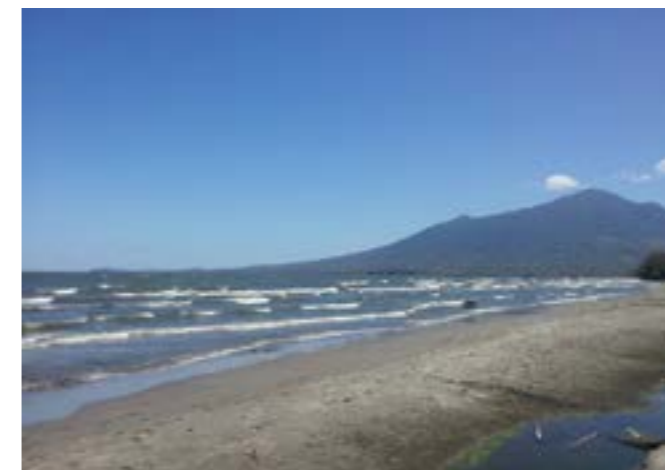
Já conduzir na ilha foi outra história. Ao contrário da Nicarágua continental, onde as estradas são lisas e suaves, em Ometepe as estradas são mais parecidas com trilhos, traçadas de forma tosca na terra poeirenta e cobertas por pedras do tamanho do motor de quatro cilindros da minha Yamaha XJ650 de 1980. Se manobrar por entre as pedras era tarefa fácil para as leves motos trail que eram as favoritas dos locais, eu, com o escape a Yamaha apenas a uns escassos centímetros do chão, estava reduzido a um penoso rastejar.

Inevitavelmente, uma grande rocha saliente lançou-me contra uma raiz. Não foi tanto uma queda, mas antes um escorregar para um rego escavado, acabando firmemente entalado contra o chão. Preso contra a terra dura, lutei por libertar a minha perna esquerda entalada entre a parede da vala e o motor quente. Graças a uma combinação de puxar e abanar, consegui libertar a perna. Foi preciso mais algum esforço para trazer a pesada Yamaha de volta à estrada. A moto não tinha danos, mas, quando ia voltar a subir para ela, senti uma dor aguda no meu joelho esquerdo. Olhei para baixo e, chocado, vi um buraco profundo de gelatina vermelha, debruado

por farrapos de ganga azuis e brancos que se viam através de um novo corte nos meus jeans. Não havia nada que pudesse fazer agora, mas até os meus olhos de leigo conseguiam perceber que ia precisar de pontos.

Uma dolorosa busca pela ilha levou-me até um pequeno hospital. Estava preocupado com o seguro – será que o tinha? Mas a perna já estava a dificultar-me a condução. É quase impossível evitar lesões no off-road - e ninguém deve evitar fazê-lo por isso -, mas o modo lento e pausado do meu acidente fê-lo parecer estúpido e banal. Comparando-o com os posters no interior da clínica, que alertavam contra a febre do dengue e o vírus Zika, senti-me ainda mais embaraçado. O médico, por seu lado, ignorou-me enquanto eu, na marquesa, barafustava para saber o preço, focando-se antes no telefone preso entre o seu ombro e a bochecha. Cortando a minha meia, agora ensopada em sangue escuro, espetou-me uma seringa com anestésico. Coseu a ferida continuando sempre a falar ao telefone, por vezes apenas com uma mão enquanto discutia a gota de outro paciente, pausando ocasionalmente para permitir que outra pessoa despejasse tintura de iodo sobre a minha perna.

Com o meu joelho cosido de fresco e embrulhado em brilhantes ligaduras brancas, esperei que me ▶



apresentassem a conta. Os locais de Ometepe estavam, sem dúvida, cansados de ser saqueados por estes bandidos viajantes – e agora tinham apanhado um, e podiam reclamar algum do, há muito perdido, ouro dos piratas. Mas, afinal, não era nada. Estava livre para me ir embora. “Nada?”, perguntei ao doutor? “Só uma coisinha”, disse. Sustive a respiração, pensando se conseguiria correr com o joelho tão enfaixado. Com o seu polegar apontado para a boca, disse “Gatorade! Está muito calor lá fora!” Não há alívio como o alívio que se sente num hospital. As visitas à clínica em Ometepe eram gratuitas, disse o bom doutor. Pelo seu trabalho, feito de forma tão rápida e experimentada, não

pagaria um centavo. Parecia improvável ter tanta sorte. Numa *fritanga* local, borbulhava uma panela de *pozole* rosado e carnudo, guisado de cabeça de porco. Depois do ambiente antisséptico da clínica, o aroma do guisado reacendeu o meu apetite por aquela carne doce. Paguei a bebida ao doutor, mais outra para mim, bem como dois *pozoles*, e voltei à clínica para aplaudir as recompensas dos cuidados de saúde universais. Fora do hospital, voltei a considerar o meu mapa. A América do Sul continuava a parecer uma perna definhada – nada conseguiria apagar essa imagem da minha cabeça -, mas a Nicarágua tinha uma curiosa nova curvatura. Era a mesma do meu joelho enfaixado; era a curva da memória. ▀

